

## A Vênus Insana de Propércio

**Resumo:** Neste trabalho, examina-se o tema do *insanus amor* nas elegias de Sexto Propércio. De início, investiga-se o provável surgimento do tema na poesia de Cornélio Galo; depois, a repercussão da abordagem de Galo na poesia de Propércio; enfim, uma nova dimensão que este autor daria ao tema através da concepção de uma *insana puella*.

**Palavras-chave:** elegia; *insanus amor*; Propércio.

**Abstract:** In this article, the theme of *insanus amor* in the elegies of Sextus Propertius is examined. At first, the probable outset of the theme in the poetry of Cornelius Gallus is considered, after that the influence of Gallus' approach of the very theme on the poetry of Propertius is analyzed, and finally the new dimension the latter author gives to it through the conception of an *insana puella* is looked at.

**Keywords:** elegy; *insanus amor*; Propertius.

Errat qui finem uesani quaerit amoris:  
uerus amor nullum nouit habere modum.  
(Propércio, 2.15.29-30<sup>1</sup>)

Erra quem quer limite a um vesano amor:  
o verdadeiro amor não tem medida.

Em sua *Arte Poética*, Horácio (65 a 08 a.C.) aborda a figura do “poeta louco”: ao discutir a relação entre engenho e arte, refere-se a uma teoria atribuída a Demócrito, o qual teria excluído da morada das Músas os poetas são por julgar o engenho mais importante do que a arte; no final do poema (v. 453-76), conclui essa discussão com uma imagem de poeta louco (*uesanum poetam*, v. 455; *certe furit*, v. 472), que deve ser evitado por quem possui conhecimento. Com essa imagem propositalmente deformada, de modo irônico e cômico, mais uma vez refuta a ideia de que um grande autor em geral resulte de um *furor poético*, de

uma inspiração divina<sup>2</sup>; além disso, por via indireta, fortalece a lição defendida ao longo dessa epístola: um poeta deve dispor de engenho e dominar a arte.

Essa refutação feita por Horácio de certo modo concede crédito à concepção de “poeta inspirado”; por conseguinte, poder-se-ia supor que em sua época houvesse partidários de tal concepção: poetas com unhas grandes e barba desgrenhada, sujos e isolados, vivendo assim por loucura real ou fictícia. Se de fato existiram, seus feitos apagaram-se, pois não há notícias relevantes de “poetas loucos” na literatura latina; um caso apenas repercutiu: a suposta insanidade de Lucrécio (c.99-94 a c.55-50 a.C.). A principal fonte dessa informação são dados inseridos por São Jerônimo na *Crônica de Eusébio* referente ao ano 1922/23 de Abraão (correspondente ao ano 95/94 a.C. do calendário romano): segundo São Jerônimo, Lucrécio teria enlouquecido por conta de uma poção do amor (*amatorio poculo in furorem uersus*) e escrito os livros do *De Rerum Natura* em intervalos da insânia (*cum aliquot libros per interualla insaniae conscripsisset*). Esse dado biográfico é muito contestado, considerado sobretudo uma ficção forjada para desacritar o escritor e seu poema epicurista<sup>3</sup>.

Curiosamente, o amor de fato leva loucura à poesia na época de Lucrécio e na de Horácio: implanta-se com um contemporâneo de Lucrécio, Catulo (84-54 a.C.), e floresce com autores do convívio de Horácio um gênero literário que põe em cena a loucura, não a do poeta, mas a de sua *persona* textual, trata-se da elegia. Em ambiente romano, esse gênero atribui grande destaque à temática amorosa – ou erótica, para usar a expressão de Paul Veyne (1983); e o *amor* que prende a *persona* do poeta a uma *domina* é concebido como escravidão (*seruitium amoris*), doença (*morbus*), mal (*malum*), vício (*uitium*), insanidade (*insania, uesania, dementia, furor*).

As primeiras manifestações conhecidas da elegia latina são da lavra de Catulo: do poema 65 ao 116 (de acordo com a organização mais difundida), sua obra é vazada em dísticos elegíacos. Todavia, segundo Stephen Harrison (2005, p. 159-73), Catulo não deve ser considerado um elegíaco canônico (afirmação sem valor pejorativo), como depois serão Cornélio Galo (69-26 a.C.), Sexto Propércio (c.50-15 a.C.), Álbio Tibulo (c.55-c.19 a.C.) e Públio Ovídio (43 a.C.-c.18 d.C.). Embora as elegias de Catulo não evidenciem os aspectos mais característicos que esse gênero há de desenvolver na literatura latina, nelas já se entrevê o tema do amor como doença, insanidade. O amor eclode como um mal no poema 76, em que, torturado pela ingratidão de um sentimento não correspondido e pela impudicícia da amada, pede aos deuses que dele

retirem essa peste e essa pernície que o consomem (*Eripite hanc pestem perniciemque mihi*, v. 20) e depois declara que ele próprio deseja a cura para essa negra doença (*Ipse ualere opto et taetrum hunc deponere morbum*, v. 25). Já o amor insano apenas se insinua, como no poema 100 (*uesana flamma*, v. 7).

Esse tema teria sido consolidado por Cornélio Galo, que publicou quatro livros de elegias (provavelmente no começo dos anos 30), nos quais cantava sua *puella*, denominada Licóride (*Lycoris*). Infelizmente, restam poucos versos de sua obra. Todavia, referências à poesia de Galo feitas por outros poetas sugerem a presença desse tema; a esse respeito, a décima bucólica de Virgílio (70-19 a.C.) é o testemunho mais eloquente. Nessa égloga, Virgílio canta os agitados amores da *persona* elegíaca de Galo (*sollicitos Galli dicamus amores*, v. 6), o qual sofre por causa da separação de sua amada (o *discidium* elegíaco), que partiu com outro para a Gália em uma campanha militar (v. 22-3 e 44-9). Galo se encontra em ambiente bucólico, na Arcádia, cujos habitantes se aproximam para consolá-lo; Apolo lhe pergunta por que elouquece (*Galle, quid insanis?*, v. 22), e Pã questiona se haveria uma medida, um limite para aquilo (*Ecquis erit modus?*, v. 28) e afirma que o Amor não cuida de tais males (*Amor non talia curat*, v. 28) nem, cruel, se sacia com lágrimas (v. 29). Em resposta, Galo elogia o canto dos árcades e diz que gostaria de ter sido um deles, vivenciado os calmos amores bucólicos e passado na Arcádia os dias com Licóride; então volta à consciência o amor insano (*insanus amor*, v. 44), e vem-lhe à lembrança a campanha militar que afastou de si a amada; depois imagina como seria sua aprazível existência (poética) em ambiente bucólico, como se isso fosse um remédio para sua loucura elegíaca (*tamquam haec sit nostri medicina furoris*, v. 60); mas não há remédio para o *insanus amor*, ele rejeita os conselhos e o ambiente bucólicos e arremata sua fala e sua sina declarando que o Amor vence tudo e que deve ceder ao Amor (*Omnia uincit Amor: et nos cedamus Amori*, v. 69). Nesse poema, Virgílio oferece a Galo o gênero bucólico como remédio para os males do *insanus amor* elegíaco; este, porém, como típica personagem da elegia, rejeita essa cura<sup>4</sup>.

Esse poema atesta, portanto, que o tema do *insanus amor* frequentava as elegias de Galo e aparentemente com grande importância.

Consolidado, esse tema se manifesta nas obras dos três grandes elegíacos do período augustano: Propércio, Tibulo e Ovídio. Tibulo, no entanto, pouco o emprega. Já Ovídio o explora mais, sobretudo sua terminologia; todavia poucas vezes a *persona* do poeta o experimenta, o *insanus amor* é muitas vezes vivenciado por uma terceira pessoa. Na *Arte de Amar*, por exemplo, a respeito da história do adultério no

Olimpo, conta-se como Marte se tornou um amante pacífico por conta do insano amor de Vênus (*Mars pater, insano Veneris turbatus amore, / de duce terribili factus amator erat*, 2.563-4). Em outra parte da *Arte de Amar*, o tema é tratado de maneira teórica (e irônica) como artifício persuasivo para a conquista: instruída pelo cortejador, a serva diria a sua senhora que o amante seria capaz de morrer por ela de um amor insano (*Tum de te narret, tum persuadentia uerba / addat, et insano iuret amore mori*, 1.371-2).

Dos chamados elegíacos canônicos, Propércio é o que mais desenvolve esse tema. No tratamento que lhe concede, é possível perceber duas abordagens: a primeira segue de perto a lição de Galo, e a *persona* poética vivencia profundamente o *insanus amor*; na segunda, o tema ganha uma nova dimensão, a *puella* e o ato sexual se tornam insanos e fonte de muito prazer.

A primeira abordagem reflete a importância de Cornélio Galo para os passos da elegia latina e sobretudo para Propércio. Contemporâneo e próximo de Galo, Propércio teria dele recebido grande influência<sup>5</sup>, como o tema do *insanus amor*. Nos parágrafos seguintes, analisa-se o desenvolvimento desse tema nas elegias de Propércio em consonância com os contornos fornecidos pela poesia de Galo, de acordo com o exame da décima bucólica de Virgílio: o *insanus amor* como fruto e causa de dor ao amante, um *malum* para o qual não haveria remédio.

Côncios de um fazer literário de feição especialmente helenística, os poetas latinos costumam discutir metapoesia no início de suas obras. Nessa trilha, a primeira das elegias de Propércio é programática: alude à influência de Galo, delinea os contornos do gênero e anuncia de forma incisiva o tema do *insanus amor*. Na primeira parte do poema (v. 1-8), desenha-se toda a situação elegíaca em que se encontra a *persona* do poeta ao se apaixonar pela primeira vez: capturado entre os olhos de Cíntia, o miserável sente o Amor comprimir sua cabeça com os pés, ensinar-lhe a odiar as moças castas e a viver ao acaso; sente ainda um *furor* se apoderar de si por todo o ano (*iam toto furor hic non deficit anno*, v. 7) e os deuses contrários. Na segunda parte (v. 9-16), narra o mito de Atalanta e Melânion, como exemplo de procedimento bem sucedido de um homem para conquistar uma mulher esquiva. Na terceira (v. 17-24), fundamentando-se no exemplo dado, diz que para ele, no entanto, o Amor é lento e sem artifícios para a conquista; em seguida, pede a ajuda daqueles que conhecem recursos mágicos, como Medeia, a fim de mudar a mente de sua amada em seu favor. Na quarta parte (v. 25-30), dirige-se aos amigos que tentaram resgatá-lo desse erro, porém já era tarde, já tinha o coração doente (*aut uos, qui sero lapsum reuocatis*,

*amici, / quaerite non sani pectoris auxilia*, v. 25-6); depois, declara a missão elegíaca: suportar corajosamente o ferro e as chamas cruéis desde que sua ira tenha a liberdade de se exprimir. Na parte final (v. 31-8), recomenda aos receptores um amor seguro e partilhado, pois contra ele Vênus instiga noites amargas e o Amor não dá trégua; e aconselha que se evite esse mal (*hoc, moneo, uitate malum*, v. 35).

Assim, já no primeiro poema de sua obra, Propércio estabelece o tema do *insanus amor*, à maneira de Galo: a *persona* do poeta, arrebatada por uma *domina*, encontra-se insana (*non sana*), tomada por uma doença (*malum*), por um *furor* o tempo todo.

Esse tema abre suas pétalas ao longo de vários poemas. Em 1.4, por exemplo, as qualidades da *puella* emergem como razão de *furor*: o poeta exalta os atributos de Cíntia, mais bela do que todas as mulheres célebres pela beleza, e alega que sua formosura, contudo, é apenas a última parte da causa do *furor* que o consome (*haec sed forma mei pars est extrema furoris*, v. 11).

Em 2.14, após uma triunfante noite de amor, o poeta lamenta ter descoberto tarde demais um meio de fazer sua amada lhe ser favorável, o autocontrole, o desprezo; pois esse remédio apresenta-se não mais ao homem que foi, mas a suas cinzas (*cineri nunc medicina datur*, v. 16); e explica não ter descoberto isso antes pela cegueira causada pelo amor insano (*scilicet insano nemo in amore uidet*, v. 18).

Em 2.34, o poeta relata o caso de um amigo, Linceu, que se enamorou de Cíntia e acabou enlouquecendo tardiamente de amor (*Lynceus ipse meus seros insanit amores*, v. 25)

Conclui-se a demonstração da primeira abordagem desse tema na poesia de Propércio com um exame do poema 3.17. Nele, o poeta se dirige a Baco e lhe pede um remédio para sua loucura elegíaca, para sua Vênus insana (*Tu potes insanae Veneris compescere fastus, / curarumque tuo fit medicina mero*. v. 3-4) – eis a expressão que justifica o título deste trabalho; o poeta declara seu mal de amor, o fogo que há muito consome seus ossos, e diz que somente a morte ou o vinho de Baco poderia curá-lo (*Hoc mihi, quod ueteres custodit in ossibus ignes, / funera sanabunt aut tua uina malum*, v. 9-10). Como ocorre na décima bucólica, outro gênero poético poderia servir de remédio à doença elegíaca: aqui o poeta pede contra a elegia, a loucura de Vênus, a cura pelo gênero lírico, de Baco (trata-se da “lírica menor” com seus *vinhos libertadores*, como expõe Horácio na *Arte Poética: libera uina*, v. 85).

Nesse poema, ao aludir ao procedimento de Virgílio na décima bucólica, Propércio confirma o diálogo intenso com as elegias de Galo sobre o amor insano.

Agora se analisa a segunda abordagem desse tema na poesia de Propércio: a *puella* e o ato sexual insanos como fonte de prazer. Não se sabe se isso constitui um aspecto original ou se outro poeta (ou o próprio Galo) já o havia trabalhado.

Na elegia 1.4, comentada há pouco, em que se enaltecem os atributos de Cíntia, outro traço dela vem à tona, seu caráter explosivo, insano (*sciet haec insana puella*, v.17); ao fim, o poeta expressa seu desejo de que ela seja sempre como é (*Maneat sic semper, adoro*, v. 27).

No poema seguinte, esse traço é melhor definido. O termo *furor* aparece no plural designando os arroubos de sua *insana puella* e as sensações que ele experimenta ao lado dela: ele pergunta a um amigo (e rival<sup>6</sup>) se insandeceu, se quer sentir os *furors* de Cíntia (*Quid tibi uis, insane? Meae sentire furors?*, v. 3). Ao alertar o amigo do que o espera ao desejar Cíntia, as experiências propiciadas por ela são qualificadas como o *último dos males*, fogos desconhecidos, veneno (*Infelix, properas ultima nosse mala, / et miser ignotos uestigia ferre per ignes, / et bibere e tota toxica Thessalia*, v. 4-6); além disso, quando irada, não sabe ser branda (*molliter irasci non sciet illa tibi*, v. 8). Eis Cíntia: males, fogo, veneno, fúria...

Propércio reforça essa caracterização de Cíntia como *insana puella* ao lhe dar um papel mais afeito à *persona* do poeta elegíaco: lastimar a partida do amante. Em 1.6, ele justifica não poder atender ao convite de um amigo para uma viagem pela Grécia e pela Ásia alegando que Cíntia o retém com abraços, palavras, preces, que lhe reitera sua chama por noites inteiras, que lamenta, abandonada, não haver deuses, que já não é mais dele, que o ameaça e o irrita... enfim, afirma que não poderia partir ao vê-la rasgar o rosto com mãos insanas (*Cynthia et insanis ora notet manibus*, v. 16), reclamar do vento por lhe roubar os beijos enviados e declarar nada ser mais duro do que o homem infiel. Nesse momento, a inversão de papéis se intensifica: normalmente, a *puella* é qualificada com o adjetivo *durus*; aqui é o amante (*et nihil infido durius esse uiro*, v. 18). Configura-se, pois, ao lado do *insanus poeta* uma *insana puella*.

E essa fúria de Cíntia se estende ao ato sexual; a loucura da *puella* então se revela uma grande fonte de prazer para a *persona* do poeta. Recheada de um vocabulário pertencente ao tema do *insanus amor*, a elegia 3.8 figura como um verdadeiro manifesto dessa característica. Nela o poeta julga doces as brigas de uma noite de amor, bem como as maldições pronunciadas pela voz insana da amada (*uocis et insanae tot maledicta tuae*, v. 2): ousada, ela ataca-lhe os cabelos e risca-lhe o rosto com suas formosas unhas; enfurecida pelo vinho, empurra a mesa e, com sua mão insana, atira-lhe copos cheios de bebida (*cum furibunda*

*mero mensam propellis et in me / proicis insana cymbia plena manu*, v. 3-4); ameça queimar-lhe os olhos; arranca-lhe a roupa. E o poeta interpreta tais atos como sinais de um ardor verdadeiro, de um sentimento sério e capaz de provocar dor na amada: uma raiva delirante, sonhos dementes (*seu timidam crebro dementia somnia terrent*, v. 15) seriam sinais de amor em uma mulher. Não haveria amor fiel sem brigas; uma amante passiva, pacífica, ele deseja aos inimigos; na verdade, quer que os outros vejam as marcas de mordidas em seu pescoço e assim saibam que esteve com ela, que ela é dele. E o insano ato sexual adquire relevos sadomasoquistas: no amor, o poeta quer sofrer ou fazer sofrer, quer ver lágrimas, suas ou dela (*Aut in amore dolere uolo aut audire dolentem, / siue meas lacrimas siue uidere tuas*, v. 23-4). Enfim diz que, no que tange à amada, estará sempre armado, paz alguma lhe agrada (*in te pax mihi nulla placet*, v. 34).

Com essa nova dimensão do *insanus amor*, Propércio parece criar um elo mais forte entre ele e sua *puella*, que possibilite uma relação mais “equilibrada”. Como se viu na parte final da primeira elegia do livro I (v. 31-8), ele aconselha aos receptores que sejam iguais em um amor seguro (*sitis et in tuto semper amore pares*, v. 32); o termo *pares* preconiza uma igualdade entre os amantes para que haja um amor seguro. Diante dessa lição, ao caracterizar a *puella* como insana, Propércio a aproxima de si: uma vez que ele não pode ser curado do *insanus amor*, para que sejam equivalentes (*pares*), ela também deve se tornar insana. Essa leitura encontra um argumento favorável nas elegias 1.4 e 1.5, em que a *insana puella* vem a lume: os dois primeiros versos da 1.5 aparecem em algumas edições como os últimos da 1.4; neles, a *persona* do poeta pede a um amigo invejoso que permita que sigam seu curso iguais (*et sine nos cursu, quo sumus, ire pares*, 1.5.2). Na impossibilidade de cura, Propércio dá à amada uma versão de sua doença, para que os dois vibrem às vezes em sintonia; e essa equivalência também seria uma causa do imenso prazer experimentado em loucas noites de amor.

As reflexões aqui tecidas acompanharam o surgimento do tema do *insanus amor*, provavelmente na poesia de Galo, e seu grande desenvolvimento na de Propércio. Para findar, retome-se elegia que contém a epígrafe deste estudo. Nela, extasiado por uma noite plena de combates eróticos, de descansos e recomeços, de contemplação dos corpos, ele exalta o louco amor vivenciado com Cíntia: *Erra quem quer limite a um vesano amor: / o verdadeiro amor não tem medida*, v. 29-30. Esse amor insano immortaliza, diviniza: com noites assim, um ano de vida já seria um longo tempo; com muitas noites assim, tornar-se-ia nelas imortal (*si dabit et multas, fiam immortalis in illis*, v. 39); e uma só noite assim

pode tornar qualquer homem um deus (*nocte una quiuis uel deus esse potest*, v. 40).

Propércio diria a Horácio que a “insanidade” pode ser profícua à poesia. E Horácio teria de concordar; porém replicaria afirmando que somente seria profícua nas mãos de um poeta dotado de engenho e arte... como Propércio.

## Notas

1. As citações de Propércio vem de PROPERTIUS. *Elegies*. Edited and translated by G. P. GOOLD. Cambridge, Massachusetts-London: Harvard University Press, 2006.
2. Além de Demócrito, Platão (*Fedro*) também figura como propagador dessa ideia (cf. ROS-TAGNI, 1986, p. 128-32, *ad v.* 453-476). Nas *Odes*, Horácio certa vez se pergunta se não estaria iludido por esse “delírio poético” (*an me ludit amabilis / insania?*, 3.4.5-6). Sobre a repercussão desse tema na Antiguidade e na Idade Média, ver Curtius (1957, “A loucura divina dos poetas”, p. 505-6).
3. A esse respeito, vejam-se as reflexões de Ernout in LUCRÈCE, 2002, “Introduction”, p. VII-XIII.
4. Conte (1986, p. 100-29) faz um exame profundo dessa écloga: a relação entre Galo e o Dáfnis do primeiro idílio de Teócrito; as características e o diálogo dos gêneros elegíaco e bucólico.
5. Cairns (2006, cap. 3-7) analisa minuciosamente características da poesia de Galo e sua relação com a de Propércio.
6. Esse amigo se chama Galo. Para uma discussão sobre sua identidade (se seria o poeta ou outro Galo), remetemos ao estudo de Cairns (2006, cap. 3, p. 70-103).

## Referências

- CAIRNS, Francis. *Sextus Propertius: the Augustan Elegist*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CONTE, Gian Biagio. *The Rhetoric of Imitation: Genre and Poetic Memory in Virgil and Other Latin Poets*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1986.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- HARRISON, Stephen (edit.). *A Companion to Latin Literature*. Malden-Oxford (UK)-Carlton: Blackwell, 2005.
- LUCRÈCE. *De la Nature*, livres I-III. Texte établi traduit par Alfred ERNOUT. Paris: Belles Letres, 2002.
- VEYNE, Paul. *L'élégie érotique romaine*. Paris: Seuil, 1983.